

Os historiadores e suas fontes em tempos de Web 2.0

*Eliana Almeida de Souza Rezende**

Resumo

Em geral, textos que abordam o ofício do historiador pretendem trazer em seu bojo aprofundamento de questões metodológicas ou mesmo de caminhos investigativos. Devo confessar que não é meu intento! A proposição aqui é muito mais expor uma inquietação provocativa e lançar aos futuros historiadores questões em relação ao seu trabalho e investigação com as fontes produzidas na contemporaneidade de princípios do século XXI. É o uso intensivo de tecnologias de informação e de comunicação que tem diferenciado nossa sociedade de princípios do século XXI e que, sem dúvida, imporá aos profissionais de diferentes áreas de conhecimento e, em especial, para o nosso caso as Ciências Humanas, o desafio de encarar escritas e trilhas que vão muito além do que se supôs até então. Diante de tais proposições que convenciono chamar as reflexões a seguir de um ensaio. Objetivo oferecer ao leitor alguns questionamentos sobre o universo de atuação profissional das Ciências Humanas em tempos de imediatividade, produção em massa e ao mesmo tempo obsolescência e transitoriedade de suportes.

Palavras-chave: Fontes Historiográficas. Metodologia Histórica. Tecnologia. Web 2.0.

Os Historiadores e suas fontes em tempos de Web 2.0

Em geral, textos que abordam o ofício do historiador pretendem trazer em seu bojo aprofundamento de questões metodológicas ou mesmo de caminhos investigativos. Devo confessar que não é meu intento! A proposição aqui é muito mais expor uma inquietação provocativa e lançar aos futuros historiadores questões em relação ao seu trabalho e investigação com as fontes produzidas na contemporaneidade de princípios do século XXI.

É da lida com a preservação e conservação de fontes documentais para posterior consulta e produção de pesquisas que suportam investigações e caminhos que este ensaio nasceu. Tais preocupações com acervos em diferentes instituições impõem a reflexão e aplicação de metodologias e procedimentos que garantam o acesso à informação contida em documentos sob os mais variados suportes para as gerações futuras.

O historiador lida com fontes: pequenos indícios deixados voluntária ou involuntariamente que atravessam épocas, transpõem espaços, vencem intempéries, descasos, o tempo e as muitas formas de deterioração intrínseca e extrínseca de seus suportes. Encontram diferentes usos, e em vários casos funções e pertencimentos que são próprios do fazer-se “prova” ou “testemunho”.

Artífices que tecem intrincados caminhos deixados por fontes prováveis e improváveis, os historiadores transformam-se em porta-vozes de um tempo... de uma trajetória feita por questões e investigações. Conexões são feitas e refeitas, caminhos investigativos desbravados à luz de diferentes métodos e matrizes teóricas. Em muitos casos, o caminho é árduo e construído a partir de hiatos, de não-ditos, de silêncios e omissões. Tece-se a construção de uma trama que circunda um objeto fazendo disso a História, nem certa, nem errada, apenas por um ângulo ou prisma diverso.

Em todos os casos, tais registros da atividade humana em toda a sua complexidade são fixados em diferentes suportes e por toda a História encontraram suas formas de perenidade para mais adiante sofrerem o trabalho crítico de pesquisa e crivo.

Diante de tal complexidade laboriosa e detalhada que cada fonte solicita e da quantidade de suportes e de registros de que dispomos, oferece-se ao olhar pesquisador ampla gama de produtos que servirão como fonte de pesquisa e matéria-prima para a História.

Coetâneos em sua essência, nossa sociedade vive a construção de um novo paradigma sobre a forma como produz conteúdos e informação. Tomo de empréstimo o sentido de coetâneo proposto por (DUQUE, 2011): “[...] Coetâneo, aqui, abriga o significado do que é contemporâneo e ao mesmo tempo integrante de contexto de vanguarda social, política, econômica, técnica e científica [...].”

É o uso intensivo de tecnologias de informação e de comunicação que tem diferenciado nossa sociedade de princípios do século XXI e que, sem dúvida, imporá aos profissionais de diferentes áreas de conhecimento e, em especial, para o nosso caso as Ciências Humanas, o desafio de encarar escritas e trilhas que vão muito além do que se supôs até então.

Diante de tais proposições, convenciono chamar as reflexões a seguir de um ensaio. Objetivo oferecer ao leitor alguns questionamentos sobre o universo de atuação profissional das Ciências Humanas em tempos de imediaticidade, produção em massa e, ao mesmo tempo obsolescência e transitoriedade de suportes. Inquietações de ofício partilhadas com pares: da quantidade que suplanta em muitos casos a capacidade de assimilação e registro, que inviabiliza reflexões posteriores de algo que não mais estará ali aguardando por séculos para ser analisado. Esse é o mundo em tempos de Web 2.0, 3.0 e em vias de transformar-se numa versão 4.0.¹

Dessa velocidade de ritmos e de relações surge um mundo feito em compartimentos e uma explosão tecida em rede e composta por núcleos que se aglutinam ou se afastam imitando o que seja viver em sociedade. São fragmentos compostos por pequenos textos, vídeos e mesmo imagens, que são concebidos e produzidos com intenções explícitas reveladas, quer por sua divulgação, quer por sua destruição. As formas de descarte são profundamente acentuadas e circunstanciadas: a penúltima produção cede sempre lugar à última e que em vários casos encontra numa tecla de remoção o seu destino

final. Tudo é facilmente substituído pelo imediatamente posterior. Ao “consumidor” final fica a incógnita dos objetivos, opções e escolhas tanto de uma ação quanto de outra.

As repercussões que tal ambiente vivido e compartilhado em redes terá sobre comportamentos, ações e produções sociais, culturais e pessoais ainda gatinham. Estudos mais aprofundados precisarão e irão surgir como forma de remeter e verticalizar tais dimensões.

O que é indiscutível dizer é que as pessoas constroem uma representação de si tal como sempre o fizeram, o que ocorre no cenário atual é que as dimensões e o universo dessa exposição são muito diferentes da que ocorria em tempos passados. As personas expostas em compartilhamentos em rede possuem a possibilidade de ser construídas infinitamente pelos seus próprios produtores e reprodutores. Cortes e recortes são possíveis tanto quanto prováveis e tantos quantos queiram modificam o que tem em mãos para, em seguida, compartilhar a tantos outros.

Desse mundo editado e reeditado, fragmentado inúmeras vezes os espaços de privacidade encurtaram-se. O ciberespaço oferece a dificuldade extra para que indivíduos consigam construir tais pontos de privacidade. Anteriormente, os espaços eram físicos e circunscritos aos nossos locais de trabalho, a casa, a escola, nosso quarto: era simples definir isso, inclusive fisicamente. Hoje há uma movimentação tão grande e por tantos que a maioria não sabe bem onde acaba um e começa o outro, ou se de fato terminam! Espaços pessoais ou individuais, públicos ou sociais são movediços e se justapõem.

As chamadas correspondências ordinárias, que forneceram tantos subsídios a gerações de historiadores para análise e reflexão de correspondências pessoais, biografias e mesmo diários, encontra uma brusca mudança de forma e conteúdo. Em alguns casos, determinados formatos e padrões desaparecem ou vivem a beira da extinção. Registros de próprio punho e correspondências com emissários definidos: algo totalmente em desuso e que inviabiliza a mais simples e primitiva forma de investigação composta por troca de ideias, pensamentos e sentimentos, entre partes.

Substituídos por *links*, hiperlinks, textos, blogs e todas as formas de comunicação imediata que são simplesmente tirados do ar muitas vezes antes que o consigamos ler em sua inteireza. Conexões de sentido que ligam e *linkam* ideias e contextos perdem-se em malhas de sentido e, em muitos casos, pouco do que foi sua origem permanece. Em alguns casos, após convertidos em *bits* muitos não sobrevivem à morte de seus emittentes². São desabilitados pelo tempo sem conexão.

A escrita antes contida, silenciosa e até confidencial, ganha sentido de exposição. Escreve-se não para um futuro distante e desconhecido, mas para um presente recheado de contemporâneos que leem quase que em tempo real. A escrita converte-se em elemento para exposição subjetiva do eu, uma constante reescrita e invenção de si próprio à medida que o leitor também interage e cresce. Nesse respeito, este leitor lerá a obra de maneiras diversas e muitas vezes com um olhar muito diferente do que seu produtor sonhou.

A leitura, tal como várias outras formas de aprendizagens sociais e culturais obedecem a determinados códigos: haja vista que até a forma como deslocamos nosso olhar indica uma ordem, que, para o caso ocidental, vai da direita para esquerda e de cima para baixo. Convenções estas que se colocam como um contexto para leitura. A seguir, devemos proceder à leitura que muitas vezes não é feita palavra por palavra, em geral essa leitura possui uma forma geométrica, semelhante ao desenho da letra F. Essa leitura é nos dias de hoje feita em geral silenciosamente. A leitura em voz alta é utilizada em situações específicas com objetivos claros: em geral como meio de ter atenção para o que se lê, e aí pode ser uma leitura pessoal ou nas formas clássicas de aprendizagem da leitura por iniciantes. Lemos com todo o nosso repertório pessoal (composto por experiências sensoriais, intelectuais), social e cultural. O bom leitor será arguto, profundo e buscará conexões com outros escritos e experiências presentes em seu repertório.

Com os suportes em formato físico temos uma experiência tátil e sensorial, não precisamos de tantos intermediários como: aplicativos, tecnologias, *gadgets* em geral. Basta-nos a experiência do silêncio da alma e a inquietude do espírito.

Chartier (1998) usa a expressão “códigos de leitura” e sua aplicabilidade ao campo da “leitura de imagens” também procede. Se pensarmos a fotografia temos o fotógrafo nos “dirigindo o olhar” e nos indicando para onde e o que olhar. Caberá ao expectador filtrar isso e aplicar sentido ao que vê.

Essa forma de argumento pode ser aplicada a diferentes mídias e suportes e, por isso, adoto aqui o termo texto ou escrita independente do suporte, mídia ou conteúdo. Assim pensado, o texto é único, porém com tantas e grandes possibilidades de leitura e interpretação!

Para além da produção de novas fontes, o mundo contemporâneo produz outra categoria de leitor e de produtores de conteúdos: não teremos mais epístolas ou registros seriados e linearmente postos.

Leitura e escrita encontram no mundo contemporâneo outra forma de se colocar: a escrita não possui mais o componente de linearidade que conhecíamos e diferentes narrativas podem dar-se. Um blog, por exemplo, que seria em outros tempos um diário apresenta em seus entremeios escritos, imagens, vídeos, sons e que não se encontram dispostos naquela mesma página. O leitor é movido e *hiperlinkado* para outros rumos. O encadeamento do escrito não é de quem escreve, mas muito mais de quem lê e da forma que escolhe como leitura. É nesse contexto que o documento de hoje é produzido e é nessa economia que circula: divaga virtualmente, desterritorializado, numa fragmentação veloz de tempos e espaços.

A narrativa se liberta de seu produtor imediatamente após a sua produção e é nesse sentido que paradigmas necessitarão ser revisitados, repensados e intermediados por muitas outras áreas. Construções identitárias a partir de relações de convívio sociais serão infinitamente mais trabalhosas de se reconstituir pelos pesquisadores do futuro próximo.

Como (LÉVY, 1998) descreveria:

[...] A página transforma-se; o texto subsiste. Poder-se-ia mostrar que assistimos à renovação espetacular da cultura literária ou literal. O tratamento de texto, o correio eletrônico, os fóruns de discussão na Internet, os bancos de dados e, sobretudo, os hipertextos e os hiperdocumentos que constituem especialmente

o World Wide Web e os CD-Rom nos fornecem surpreendentes ilustrações disso. O texto, portanto, multiplica-se, complexifica-se, explora-se cada vez melhor com novos instrumentos de pesquisa e de navegação. Mas o espelho do pagus, a página ainda pesada do barro mesopotâmico, sempre aderente à terra do neolítico, essa página muito antiga se apaga lentamente sob a enchente informacional.

Soltos, os seus signos vão ao encontro da onda digital. Em vez de um texto localizado, fixado num suporte de celulose, no lugar de um pequeno território com um autor proprietário, com começo e fim formando fronteiras, o do World Wide Web confronta-nos com documentos dinâmicos, abertos, ubíquos, indissociáveis de um corpus praticamente infinito. Enquanto a página de celulose figura um território semiótico, a que aparece na tela é uma unidade de fluxos, submetida às limitações da vazão nas redes. Mesmo se nas suas bibliografias ou notas ela se refere a artigos ou livros, a página material é fisicamente fechada. A virtual, em contrapartida, conecta-nos tecnicamente e de imediato, através de vínculos hipertextos, com páginas de outros documentos, dispersas por todo o planeta, que remetem indefinidamente a outras páginas, a outras gotas do mesmo oceano mundial de signos flutuantes.

Nesse princípio de século XXI sentimos essa transição que é cultural, social e, principalmente, de formatos e tecnologias e é natural que sintamos um tempo como se vivêssemos uma vaga. Com certeza as civilizações que nos sucederem não terão estes questionamentos e poderão achar pueris nossas elucubrações.

Decisivos para essa nova forma de comunicação escrita são os hipertextos e a disponibilidade de tecnologias cada vez mais amigáveis do ponto de vista de compartilhamentos. Nas palavras de Assmann (2000):

[...] Do ponto de vista técnico, o hipertexto foi a passagem da linearidade da escrita para a sensibilização de espaços dinâmicos. Como conceito de conectividade relacional mediada pela tecnologia, podemos definir a hipertextualidade como um vasto conjunto de interfaces comunicativas, disponibilizadas nas redes telemáticas. No interior de cada hipertexto, deparamo-nos com um conjunto de nós interligados por conexões, nas quais os pontos de entrada podem ser palavras, imagens, ícones e tramações de contatos multidirecionais

(links). É importante destacar que o hipertexto contém geralmente suficientes garantias de retorno para que os sujeitos interagentes não se percam e se sintam seguros em sua navegação.

Acomodando-se nesse mundo da quantidade que, em muitos casos, leva ao detrimento da qualidade, encontramos 140 caracteres que buscam uma escrita ágil que encontra um leitor pouco atento e muitas vezes sem foco ou concentração. Conexões entre sujeitos e pensamentos potencializam-se e constroem-se, a interlocução chega sempre na horizontalidade e caracteriza-se pela desterritorialização das ideias, de seus sentidos e de seus produtores e consumidores. Uma nova cognição se configura e denota uma forma diversa de pensar as relações e a construção de diferentes saberes.

Como afirma Assmann (2000) sobre cognição e aprendizagem:

[...] As novas tecnologias da informação e da comunicação já não são meros instrumentos no sentido técnico tradicional, mas feixes de propriedades ativas. São algo tecnologicamente novo e diferente. As tecnologias tradicionais serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (braço, visão, movimento etc.). As novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas. Uma quantidade imensa de insumos informativos está à disposição nas redes (entre as quais ainda sobressai a Internet). Um grande número de agentes cognitivos humanos pode interligar-se em um mesmo processo de construção de conhecimentos. [...] Isto significa que as tecnologias da informação e da comunicação se transformaram em elemento constituinte (e até instituinte) das nossas formas de ver e organizar o mundo. Aliás, as técnicas criadas pelos homens sempre passaram a ser parte das suas visões de mundo. Isto não é novo. O que há de novo e inédito com as tecnologias da informação e da comunicação é a parceria cognitiva que elas estão começando a exercer na relação que o aprendente estabelece com elas. [...] Em resumo, as novas tecnologias têm um papel ativo e co-estruturante das formas do aprender e do conhecer. Há nisso, por um lado, uma incrível multiplicação de chances cognitivas, que convém não desperdiçar, mas aproveitar ao máximo. Por outro lado, surgem sérias implicações antropológicas e

epistemológicas nessa parceria ativa do ser humano com máquinas inteligentes.

Ações, escritos e produções se fazem cada vez mais com o que se chama de “desintermediação”. Em toda a história do homem, intermediários eram necessários para que a comunicação se fizesse e gerasse informação relevante. Hoje, contudo, tal necessidade deixou de existir e as relações passam a ser cada vez mais desintermediadas.

Nas palavras de Lévy (1998):

[...] Até agora, o espaço público de comunicação era controlado através de intermediários institucionais que preenchiam uma função de filtragem e de difusão entre autores e consumidores de informação: estações de televisão, de rádio, jornais, editoras, gravadores, escolas, etc. Ora, o surgimento do ciberespaço cria uma situação de desinformação, cujas implicações políticas e culturais ainda não terminamos de avaliar. Quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal. O mesmo vale para todos os tipos de mensagens possíveis e imagináveis (programas de informática, jogos, músicas, filmes, etc). Passa-se assim, de uma situação de seleção a priori das mensagens atingindo o público a uma nova situação, na qual o cibernauta pode escolher num conjunto mundial muito mais amplo e variado, não criado pelos intermediários tradicionais.

Nosso tempo assiste como nenhum outro a noção de que os meios digitais são antes de tudo uma metalinguagem que conseguiu fazer com que todos os conteúdos e formatos fossem libertados de seus suportes físicos. Com isso, novas relações se constituíram e ainda estão em constituição. Infinitas composições, agrupamentos e criações se fazem e se fundem e nunca temos algo que esteja acabado e pronto. Nesse ambiente a constante renovação e substituição são imprescindíveis e alcançam maior autonomia tanto quanto as inovações tecnológicas chegam (PRETO; SILVEIRA, 2008).

Muitos autores em obra aberta acrescentam e são acrescentados a todo o momento até que a mesma é dada por encerrada e é colocada para ser consumida por leitores igualmente ávidos, mas muito mais seduzidos pela novidade em si do que propriamente por uma reflexão

aprofundada dos temas propostos³.

A partir desta nova concepção de uso da Web, o mundo configurado para bibliotecas, arquivos e demais locais que detêm informação organizada e estruturada passou a se movimentar na direção de seus usuários. De encastelados, tais locais passaram a buscar cada vez mais a interação com seus usuários/consumidores, buscando saber com maior precisão o quê querem e de que forma querem. Neste horizonte, os serviços prováveis e possíveis são muitos⁴.

Se de um lado este sentido de colaboração inovou e começou um processo irreversível de interação, de outro colocou o desafio da segurança de que estes conteúdos estejam acessíveis e disponíveis no tempo, cuidando que estejam integralmente respeitados seu sigilo, preservação e acesso. Obsolescência⁵ passa a ser uma palavra de uso corrente. Metáfora simples para o esquecimento, a obsolescência (prevista e provável quando pensamos em tecnologias) passa a ser um fator determinante quanto ao que irá ser deixado ao futuro quer como produção, quer como relíquia. Cuidados essenciais necessitam ser planejados quanto ao que será disponibilizado são fundamentais nesses depositários de informação: entram aqui regras de sigilo e acesso, construídos de forma hierarquizada e pensados antecipada e previamente, sem que haja nessa operação quaisquer imprevistos, que geram perdas – algumas irreversíveis⁶.

As grandes séries documentais, procuradas e utilizadas por diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, que tinham nos volumes quantitativos de seus registros simplesmente assistem tais informações integrar um arquivo em nuvens ou uma base de dados, que poderá subitamente estar destinada à obsolescência, ou quiçá de um servidor que não suportou a quantidade de registros nele armazenados. Ameaças virais e ausências de preservação digital trariam a obsolescência e a impossibilidade de acesso.

Não falo como pessimista, apenas como quem vê que as ferramentas com as quais os historiadores lidam e fazem suas investigações terão que mudar. Paradigmas conceituais necessitam ser repensados.

A Academia em geral, e as áreas de Ciências Humanas especificamente aqui tratadas necessitam ir além. É necessário compreensão e utilização de novos repertórios teóricos e metodológicos para análise e reflexão de toda essa produção que prolifera e desponta como fonte de pesquisa. Conforme citado por Brandão e Duque (2011):

[...] o meio acadêmico deve aparelhar-se para a análise do que é complexo de forma abrangente, sistêmica, se apropriando dos instrumentos que os avanços tecnológicos possibilitam [...] Se percorrermos as publicações científicas de um modo geral, recolheremos a impressão de somos todos profundos conhecedores dos métodos quantitativos, em particular os estatísticos, eis que nos cobram a demonstração quantitativa dos nossos achados, ainda nas Ciências Sociais [...] O alheamento permanece como tendência dominante entre os pesquisadores e os pequenos grupos que se isolam na ilusória perspectiva de salvaguarda de suas áreas de domínios, entrincheirando-se armados de metáforas impróprias para descrever o cenário coetâneo.

Estamos assistindo um ponto onde essa sociedade coetânea passa pela dessacralização da escrita contínua, linear e exerce características intertextuais, que se fragmentam em múltiplos sentidos.

O historiador sempre atuou com a utilização de suportes físicos e com eles tecia suas problematizações e reflexões. Era um universo palpável, analógico que encontrava nas palavras a forma máxima de sua expressão. As entrelinhas e metodologias eram os meios de inquirir e perscrutar o passado. O documento recebia pelos mais ortodoxos, compostos pelas primeiras gerações de historiadores, a chamada crítica interna e externa dos documentos: uma busca por autenticidade que transformaria o documento em fonte preciosa de um passado distante.

Em tempos de escola metódica e positivista a grande preocupação era saber sobre a legitimidade de uma fonte. A frase que se tornou clássica era a encontrada no Manual de Langlois e Seignobos (1946) de que a "*História se faz com Documentos*". A partir da chamada crítica interna e externa do documento o historiador teria garantido seu meio

de compreender e escrever sobre o passado. A heurística documental fundamentaria o estudo e o tornaria científico.

Em diferentes períodos a definição sobre o que se configuraria um documento não seria difícil, e muitos em especial no século XIX, chamariam as grandes massas documentais materializadas em páginas escritas de punho ou impressas como sendo a fonte que um historiador deveria se ater.

Transcorridos alguns anos e o princípio do século XX encontrava novas tecnologias, e novos olhares sobre potenciais fontes: dentre as quais a fotografia que se impunha como um objeto de cultura material e possuidor de características importantes quanto ao gestual, composição cênica, crônica de costumes e de papéis sociais. As imagens em movimento e sonoras possibilitavam aos que assim o desejassem inúmeras leituras sobre a sociedade, seus usos e funções sociais e formas de viver urbanidade e costumes. A arquitetura e urbanismo forneciam elementos para compreensão das formas como as cidades espalhavam-se pelo espaço e como sociabilidades se definia pelos seus usos e funções. Resquícios materiais deixados por antigas civilizações podiam ser analisados e estudados com ferramental próprios e pertencentes à arqueologia.

A Escola dos Annales de fato favoreceu a entrada de um universo rico e múltiplo para investigadores de vários segmentos e com isso a história ganhava novos objetos, problemas e discussões. Óbvio está que tal multiplicidade exigiu por parte de seus investigadores metodologias e caminhos próprios com viés inter e multidisciplinar para dar conta de inúmeras questões que a teoria histórica por si só não forneceria. Período rico e profícuo para a produção historiográfica, levando à dissecação de inúmeros detalhes de cotidiano, que gerou por parte de vários âmbitos das ciências humanas à crítica do miúdo, corriqueiro e multifacetado em demasia.

Posteriormente, era a História Cultural que contribuiu com novas perspectivas para análise das sociedades a partir de sua cultura. Período de grande produção de pesquisas e mais diálogos com fontes diversas: agora não apenas circunscritas a arquivos, acervos e fontes institucionais.

O século XXI chega e de novo encontramos outro momento para a definição do que seja documento, fonte e informação para sustentar futuras pesquisas.

Quando falamos de historiadores e fontes, uma necessidade se impõe e em especial atualmente: de que sorte e como pode ser definido o documento, matéria-prima de inúmeras produções e reflexões nas Ciências Humanas?

De novo paradigmas e caminhos necessitaram ser trilhados para encontrar uma mediação possível entre o que de fato seria relevante e o que poderia ser apenas e tão somente uma perfumaria sem muitos acréscimos à construção da história (PINSKY et. al, 2011). “[...] um documento é dado como documento histórico em função de uma determinada visão de uma época. Isso introduz no conceito de documento um dado importantíssimo: o documento existe em relação ao meio social que o conserva.”

Para profissionais de diferentes áreas e, entre os quais me coloco, a palavra documento e informação ganha sentidos polissêmicos, portanto, neste caso considero pertinente explicitar essa visão. Tomado a partir de seu contexto de produção, seja ele cultural, social, político ou relacionado a qualquer aspecto da produção humana, o conceito de documento amplia-se e pode ser resumido pela seguinte equação: Informação + Suporte = Documento.

Com tal proposição o documento alça uma posição nunca antes imaginada, já que tantos são os suportes (a base na qual a informação pode ser registrada) quanto o são a imaginação humana. Com tal amplitude da concepção de documento tem-se que podemos ter registros feitos em pedra, argila, metais, materiais plásticos (como negativos, slides, microfilmes, películas diversas), discos ópticos, magnéticos, virtuais, eletrônicos, digitais, papel – para ficar em apenas alguns exemplos. Se, de um lado, tal proposição trouxe uma amplitude dos horizontes com os quais navegar, de outro oferece inúmeras dificuldades, e em muitos casos, um conhecimento específico e verticalizado.

As Ciências Humanas sempre tomaram em consideração os diferentes suportes onde os registros da atividade humana em toda a

sua complexidade eram feitos. No entanto, atualmente presenciamos não apenas a multiplicidade de suportes, mas também seus usos sociais e culturais diferenciados.

A geração de novos historiadores, contudo, se defrontará com um universo de representações e produções que nunca passarão pelos processos de materialização física e que em vários casos não perdurarão o suficiente para sofrerem análises. É essa sociedade fluida que deixa uma produção imensa com pouquíssimos rastros, se é que é possível tal paradoxo.

De acordo com Lévy (1998):

[...] Em vez de um texto localizado, fixado num suporte de celulose, no lugar de um pequeno território com um autor proprietário, com começo e fim formando fronteiras, o do World Wide Web confronta-nos com documentos dinâmicos, abertos, ubíquos, indissociáveis de um corpus praticamente infinito. Enquanto a página de celulose figura um território semiótico, a que aparece na tela é uma unidade de fluxos, submetida às limitações da vazão nas redes. Mesmo se nas suas bibliografias ou notas ela se refere a artigos ou livros, a página material é fisicamente fechada. A virtual, em contrapartida, conecta-nos tecnicamente e de imediato, através de vínculos hipertextos, com páginas de outros documentos, dispersas por todo o planeta, que remetem indefinidamente a outras páginas, a outras gotas do mesmo oceano mundial de signos flutuantes.

Como já ocorria com os suportes analógicos para cada fonte tornada disponível outras tantas foram destruídas, ou em nosso caso nem passarão à materialização (LÉVY, 1998):

[...] Levando-se em conta tudo o que foi dito antes, seria importante ressaltar que, atrás de cada documento conservado, há milhares destruídos. [...] Na sobreposição de centenas de subjetividades e acasos, ele encerra a chave de acesso ao conhecimento do passado. Reafirmando-se seu senhorio dialético, criador/criatura, o documento, em si, torna-se uma personagem histórica, com a beleza da contradição e da imprevisibilidade, com as marcas do humano.

Partilha, difusão, compartilhamento: esses são os termos que os

historiadores e todos os eu lidam com a preservação e disponibilização de fontes têm que lidar.

Nesse sentido, as Memórias a serem constituídas serão de muitos e variados meios e uma nova configuração de representação está as nossas portas. É um momento de forte ruptura, mas que, como tal, traz em si elementos de continuidade. Portanto, resta-nos olhar com tais olhos. É preciso que se diga que a perspectiva tomada aqui é a de que Memória e Esquecimento são territórios fronteiriços e movediços. Avançam e muitas vezes se justapõe. E o que é fundamental: para existir coexistem!

Polissêmicas em sua pareceria, Memória e Esquecimento são usados por áreas que compõe desde a neurociência, psicologia, sociologia sempre mantiveram um caminho estreito e que são fundamentais nos diálogos que fazem parte também a História.

Sem entrarmos nos méritos propostos por cada uma das áreas anteriormente citadas, destaca-se a posição de especialistas que procuram ressaltar que não guardamos memórias integrais, mas sim fragmentos. E são tais registros fragmentários que são acionados e recuperados como Memória. Devido a isso, somos capazes de acionar lembranças de eventos, rostos de pessoas, paisagens, odores e sabores tão variados como um perfume no jardim ou de uma rua em uma cidade do interior. Para tais especialistas não falamos de uma memória, mas sim de tipos de memórias que se relacionam formando a Memória no sentido que temos quando pensamos em lembranças. No caso desses especialistas, neurocientistas em sua maior parte, as classificações mais usuais sobre a Memória tomam como principais vetores o tempo de duração, sua função e o conteúdo.

Rumando para a psicanálise, alguns autores chegam a afirmar que a memória é uma cópia da realidade. De novo sem entrarmos no mérito desta afirmação, há pontos que são consensuais entre tais especialistas. Dentre os pontos comuns entre estes autores temos a concepção de que a memória reconstrói as informações que recebe, dando relevo a umas e apagando outras. O processo de memorização é, portanto, ativo e dinâmico. A memória, vista sob este ângulo tem um caráter seletivo porque nem toda a informação é ou pode ser

guardada. A memória funcionaria como um recipiente que tem limites e que, pelo excesso de informações e/ou registros, necessitam “esvaziar-se”. A esse “esvaziamento” a Psicologia dá o nome de esquecimento.

O esquecimento, para este caso, é aquele que permite à memória reter ou armazenar novos conhecimentos. Paradoxalmente, o esquecimento torna-se essencial para o processo de memorização, é pelo fato de esquecermos que estamos aptos a fazer novas memorizações. O esquecimento apresentaria uma função seletiva e adaptativa, afastando todos os materiais que não são importantes ou úteis para um normal funcionamento da nossa vida. A memória, portanto, teria um caráter seletivo porque nem toda a informação pode ser guardada.

Quando pensamos na Memória Individual pensamos nos registros que uma pessoa acumulou no decurso de sua existência. Esses registros ganham calibre à medida que são impressos na vivência de cada um a partir de repertórios muito próprios e oriundos de diferentes experiências: boas e más, agradáveis e desagradáveis. Sob este aspecto, a Memória é sempre seletiva, pois parte de uma criteriosa escolha entre o que se quer manter e o que se quer esquecer. A memória, neste caso, é viva e que está em evolução permanente a partir da dialética entre lembrança e esquecimento e sempre suscetível a reelaborações a partir do imediatamente vivido⁷. É sob esse âmbito que através do esquecimento que a Memória consegue cicatrizar feridas, elaborar reconciliações, retomar caminhos, tanto de indivíduos quando de sociedades e grupos.

Neste caso e já habilitando uma concepção que é própria da História e parafraseando Le Goff (1996): “[...] O conceito de memória é crucial... Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”⁸.

Trazido para o âmbito de nossa discussão decidir **o quê** perpetuar e **o quê** esquecer está intimamente relacionado à ideia de construção de uma Identidade. Isso vale para os casos individuais, mas vale também para as sociedades como um todo. É a partir destas

estratégias de movimentos entre esquecer e lembrar que se vincam Identidades, quer individuais, quer sociais.

A fluidez, velocidade e interconexão na produção Web 2.0 colocam lado a lado Memória e Esquecimento, só que no sentido de interrupções de conexões, perdas de *links* e obsolescência. Será necessário entendermos e lidarmos com tais coisas. A obsolescência torna-se metáfora para o esquecimento em tempos de imediaticidade e compartilhamento.

Suportes e obsolescência ditam o sentido de muitas das prováveis fontes de historiadores do futuro. Desmaterialização compõe boa parte de tudo o que se produz enquanto textos, imagens e outras formalizações de pensamento. Estudos que seriam caros à cultura material, atualmente quase que se inviabilizam, como ocorrem com diários, cartas, fotografias, registros e muitas formas de escritos e escritas. As relíquias guardadas e preservadas como tais tornam-se cada vez mais liquefeitas e o sentido de posse e preciosidade se altera como nunca antes. Objetos que carregavam em si um sentido de escrita como papéis, cores, tons, texturas, tintas, selos e demais inscrições desaparecem em detrimento de algo único e em vários casos virtuais. Como delinear e caracterizar um artefato de materialidade numa sociedade que não tem na materialidade de seus suportes o seu forte?

A tradição de produção histórica sempre se deu a partir do diálogo com muitas áreas, mas vivemos essa necessidade com muito mais força nos dias atuais. Questões sempre caras ao historiador como dimensões do Público e do Privado, do Original e da Cópia, Redes de Sociabilidade, Preservação e Destruição, Identidade, Social, Memória parecem encontrar novos paradigmas.

Como tecer a vida privada de correspondências mantidas em correios eletrônicos, enviadas em cópias ocultas ou em blogs que deixaram de existir? Soluções como herança digital já aparecem em preocupações de inventários e órfãos digitais surgem todos os dias após a morte de produtores de conteúdos em blogs e outras formas de presença virtual.

Como mapear as imagens destruídas e por quais motivos, a

obsolescência galopante de máquinas, equipamentos, arquivos?

Como tratar volume e dispersão de produções individuais e sociais?

E o que dizer da produção da chamada imprensa oficial, que por séculos representavam o pensamento organizados de seguimentos da sociedade. Representavam em tempos auros da imprensa a voz de uma minoria, atualmente cede espaço para inúmeras outras vertentes de pensamento que coabitam as sociedades e que se exprimem por inúmeros veículos de comunicação.

E sobre contextos e circulação? Como defini-los? Eis aqui uma grande dificuldade!

Quem é o leitor e quem é o autor em ambientes da web? Qual é o produto e de quem é sua propriedade?

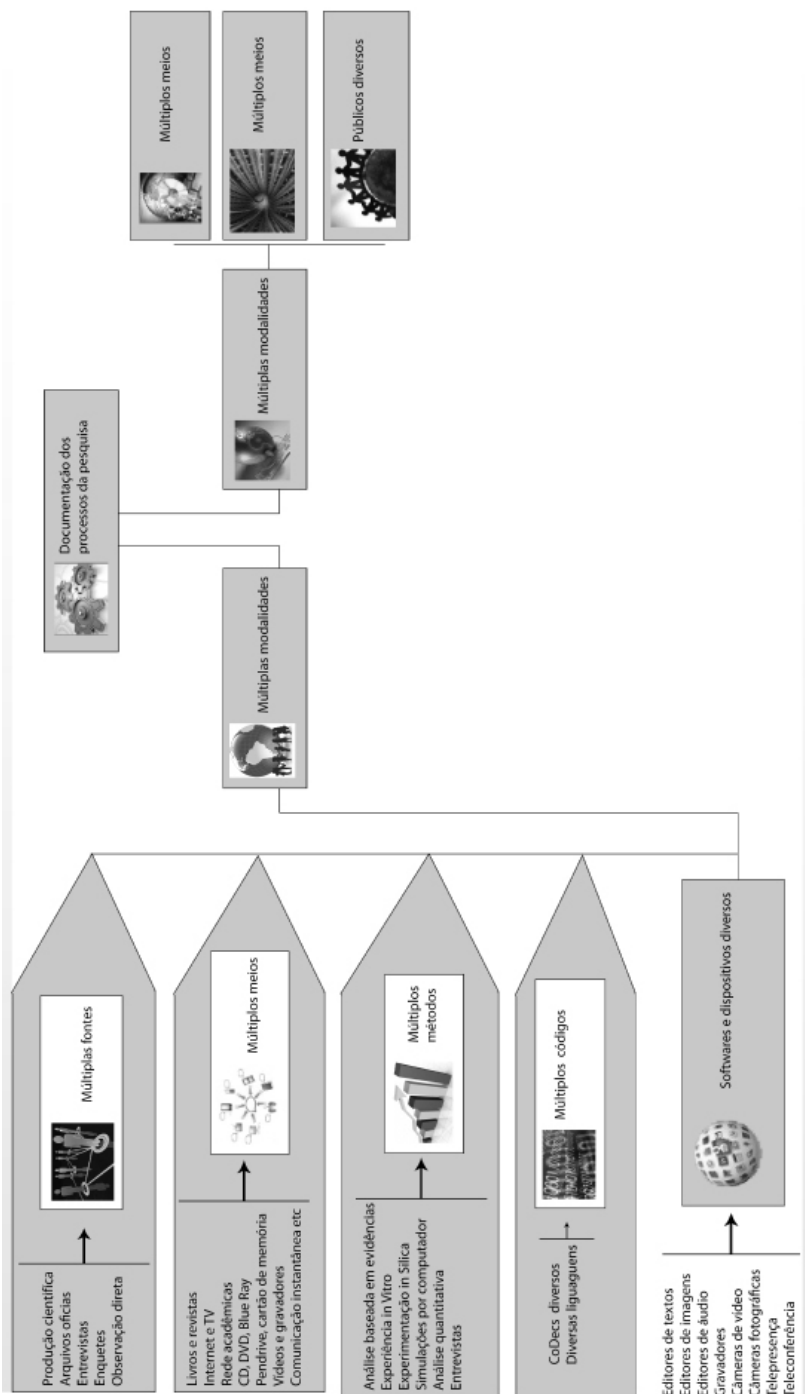
Indicações materiais de autenticidade tais como assinaturas, datas e outros indícios buscados como preciosidade em cartas, imagens e outros documentos passam a encontrar sérias dificuldades quando não se sabe quem, quando, onde e em que circunstâncias tais registros foram feitos.

Nesse sentido, a construção de tessituras sociais com camadas e espessuras próprias necessitará por parte de quem investiga maior fôlego e sutileza. Afinal, as relações se construídas partirão de universos que irão muito além dos espaços compartilhados geograficamente. Haverá partilhas em espaços virtuais onde as proximidades e distanciamentos se constroem a partir de outras propostas, usos e funções. Repensar essas teias e compreendê-las em suas dimensões será um desafio de fôlego.

A cultura de consumo e produção excessiva cria uma cultura de descarte e voracidade que impossibilita atividades simples como o reter...o guardar para o porvir.

Muitas serão as questões para problematização que nossos futuros historiadores encontrarão. Talvez um ponto de partida seja tomar em consideração como produzir pesquisa histórica em um ambiente coetâneo:

Figura 01 – Arquitetura da Comunicação Científica Coetânea.



Fonte: Duque (2011).

Da análise da arquitetura proposta para a produção científica como um todo, poderíamos tomar como iniciativa analisarmos de que forma a construção da Pesquisa Histórica obedece a diferentes fluxos e utilizar o fluxograma para iniciar caminhos de investigação que contemplem as várias fontes hoje disponíveis aos historiadores.

Toda investigação do profissional das Ciências Humanas e para a Pesquisa Histórica em caso específico, em mundo coetâneo se desenvolve a partir da análise originária de múltiplas fontes e múltiplos meios, métodos, códigos, softwares e dispositivos, ou seja, o produto final das pesquisas de diferentes pesquisadores alimentarão múltiplos meios, modalidades e públicos. Pensada neste contexto em fluxo, as pesquisas tenderão a fornecer leituras possíveis de um mundo que viveu uma profunda e drástica mudança nas formas relacionais e interacionais promovidos a partir de imediaticidade e compartilhamento.

A escrita, tal como a leitura, ganham novas formas de manifestação (CUNHA, 2011):

[...] Ação da mão sobre papéis, sobre telas, sobre pedras e onde mais for possível deixar traços, a escrita registra, inventa e conserva sempre *mais ou menos, ao contar*, muitos atos da experiência humana. Como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado.

São com tais ferramentas que o historiador lapida e perscruta o passado, buscando em suas frestas algum lampejo que revele nuances de um tempo que se foi.

Bom, busquemos nossas ferramentas e bom garimpo a todos!

Notas

* Possui Doutorado em História Social, Linha de Pesquisa Cultura e Cidades pela UNICAMP; Consultora em Gestão Documental para Unochapecó; Consultora em Gestão Documental para Administração Direta e Indireta da Prefeitura Municipal de Curitiba com contrato por Notório Saber e responsável pela implementação de Gestão Arquivística de Documentos a 32

Secretarias e Órgãos Capacitação de servidores em Preservação e Conservação de Documentos e aplicação de Tabela de Temporalidade Documental; Consultora em Gestão e Preservação Documental para o Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/UNOCHAPECÓ); Docente de Memória Institucional na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP); Docente EaD pela DTCOM - Educação e Comunicação Corporativa a Distância Docente EaD de Gestão Documental e Memória Institucional na Anima Ensino - Mídia e Conhecimento; Webconferencista em Gestão Documental e Memória Institucional;

¹ Graficamente diríamos que a evolução da Web 1.0 para a Web 2.0 deu-se da seguinte forma: Evolução Período Serviços e Recursos Características Web 1.01990 a 2000 Portais, Web sites, Base de Dados, Mecanismos de busca. Publicação na Web controlada e dominada tecnicamente por poucos, com tecnologias de alto custo Web 2.0 2000 a 2010 Blogs, Wikis, RSS, Google, Conexões via celular, Redes Sociais, Bookmarks, mensagens instantâneas. Publicação na Web disponível à muitos, com maior amplitude e acesso à conexão Web 1.0 X Web 2.0 Fonte: DUTRA, Jayme. Pe-think search a Web 2.0 world. In: Online Information Conference, 2007, London. Proceedings. London, [s.n.], 2007, p. 181-183.

² No Reino Unido, por exemplo, está sendo usual a colocação em testamento da herança digital deixada pelo morto. A questão no Brasil ainda é pouco aprofundada, mas diferentes países começam a se preocupar e ter solicitações por parte de familiares para estes casos.

³ Indico como forma de saber como este processo se dá o e-book "Para entender as Mídias Sociais", livro coletivo sobre assuntos transversais às redes de relacionamento, produzido e publicado por profissionais e pesquisadores da área em abril de 2011, disponível para ser baixado e compartilhado por diferentes meios: <http://paraentenderasmidiassociais.blogspot.com.br/2011/04/download-do-ebook-para-entender-as.html>.

⁴ Aos interessados em ler sobre as potencialidades e desafios dos que tratam a informação em tempos de web 2.0, deixo o link para a apresentação "Serviços e produtos da Web 2.0 no serviço de referência das bibliotecas", de Deise de Lourenço de Jesus: <http://www.slideshare.net/dlourenco/produtos-e-servios-da-web-20-no-servio-de-referencia-das-bibliotecas>. Acesso em: 13/abr./2012.

⁵ Quando pensamos em períodos para a obsolescência falamos em períodos que, em geral, não excedem os 5 anos é isso para documentos permanentes não significa rigorosamente nada! O termo "longa permanência" pode ser definido por períodos não inferiores há 100 anos. Há, portanto, aí uma grande defasagem de tempo e necessidades.

⁶ Os aspectos relacionados à preservação digital e discussões envolvendo metadados para documentos nato-digitais ocupariam o espaço de todo um artigo e sobre o qual inúmeros outros aspectos deveriam ser considerados. Apenas como forma de propiciar alguma leitura complementar sugiro o link a seguir, de Humberto Innarelli, intitulado: "Preservação digital: a influência da gestão dos documentos digitais na preservação da informação e da cultura" http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_ri/article/view/487. Acesso em: 16/abr./2012.

⁷ Como forma de compreender um pouco mais sobre as relações entre de memória e esquecimento assista ao vídeo intitulado "Memória", no decorrer do mesmo a oportunidade de ver especialistas que falam sobre o tema: http://www.youtube.com/watch?v=zyzp92yeBzQ&feature=player_embedded.

⁸ Os esquecimentos e os silêncios da história são altamente reveladores de mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Referências

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2 ed. Brasília: Editora UNB, 1998.

CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a História. In: **O historiador e suas fontes**. São Paulo, Contexto, 2011.

DUQUE, Cláudio Gottschalg (Org.). Comunicação Científica Contemporânea e de Vanguarda. In: **Ciência da Informação Estudos e Práticas**. Brasília: Centro Editorial, 2011.

LANGLOIS, Charles Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos estudos históricos**. São Paulo: Renascença, 1946.

LÉVY, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, dez. 1998.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (Org.). Apresentação. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

PRETO, Nelson de Luca, and SILVEIRA, Sérgio Amadeu. (Org.). Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In: **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 232 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 04/abr./2012.

Abstract

In general, texts that discuss about the craft of the historian, intended to bring in its wake further methodological issues or even investigative paths. I must confess that it is not my intent! The proposition here is to expose a much more caring and launch provocative questions for future historians in relation to their work and investigation with sources produced in the contemporary principles of the XXI century. It is the intensive use of information technology and communication that has differentiated our society from the beginning of XXI century and that undoubtedly will impose on professionals from different areas of knowledge and in our case especially for the Humanities, the challenge to face and written trails that go well beyond what was assumed so far. Given these propositions convenciono call the following thoughts of a trial. Aim to give the reader some questions about the universe of professional performance of the Humanities in times of immediacy, mass production at the same time obsolescence and transience of media.

Keywords: Source historiographical. Methodology. Technology Web 2.0.